

CARCERIDADE E COLONIALIDADE: RACISMO ESTRUTURAL, ENCARCERAMENTO EM MASSA E SUBJETIVIDADES NEGRAS

Francisco Ilderlanio Bezerra De Almeida¹
Leandro De Proença Lopes²

RESUMO

Introdução: O presente trabalho foi elaborado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) e analisa como o racismo estrutural, a colonialidade e o encarceramento em massa atravessam as trajetórias de pessoas negras, tomando os problemas sociais sofridos na infância do autor, tais como as violências físicas por racismo e homofobia ou verbais, ao ser denominado “Cão” e “Viado” se estendendo até a adolescência diante o encarceramento de seus. **Objetivo:** Compreender de que modo as violências institucionais e históricas impactam a construção de identidades e subjetividades, gerando violências físicas e mentais com heranças coloniais que transpassam as celas dos presídios. **Metodologia:** Consistiu na produção de um ensaio crítico e autoetnográfico fundamentado na escrevivência (Evaristo, 2007), articulando memórias, sobretudo de afetos familiares com análises de casos e registros históricos. O referencial teórico foi fundamentado nas teorias de autoras(es) estudadas(os) durante a passagem do autor em seu percurso acadêmico, como a pedagogia libertadora, o pensamento decolonial e a crítica interseccional de feministas negras ao racismo estrutural e violências de gênero, para apoiar a análise das dinâmicas coloniais que sustentam a necropolítica. Como contraponto foi realizado uma busca por práxis emancipatórias em meio ao encarceramento em massa (Freire, 1987; Fanon, 1961; Quijano, 2005; hooks, 2017; Spivak, 2010; Kilomba, 2019; Mbembe, 2018; Akotirene, 2019; Borges, 2019). **Resultado:** A análise dos dados levou ao conceito de carceridade, que consiste na extensão do aprisionamento sobre as dimensões familiares, comunitárias e subjetivas de pessoas subalternizadas. **Conclusão:** A educação como prática de liberdade e mobilizada como pedagogia do desejo (Proença, Lopes, 2025), assim como a pedagogia engajada (hooks, 2017) potencializam a quebra de silenciamentos coloniais, promovendo a emancipação de corpos dissidentes, além do desejo em uma existência plena.

Grande área do CNPq: Ciências Humanas

Este trabalho contribui para “Diversidade, Inclusão e Transformação Social” ao centralizar o debate científico na encruzilhada interseccional entre raça, gênero e sexualidade e legitimar a escrevivência na academia, além de dar visibilidade acadêmica às vivências afetadas pelo sistema carcerário e fornecer práxis pedagógicas para o combate à necropolítica.

Palavras-chave: Carceridade; escrevivência; racismo estrutural; pedagogia do desejo.

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), IH/Ceará, Discente, ylderalbano@gmail.com¹
Unilab, Instituto de Humanidades, professor do Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, Docente, leandroproenca@unilab.edu.br²